

## **Tecnologias da informação e comunicação: a necessidade de inserção dos jovens na educação básica**

*Information and Communication Technologies: the need for youth insertion in basic education*

**Douglas Manoel Antônio de Abreu Pestana dos Santos** 

Universidade de São Paulo  
douglaspesquisador@gmail.com

**Alexandre Dijan Coqui** 

Faculdade Getúlio Vargas  
santos.douglas@fgv.edu.br

**Benedito Evanberto Coqui Neto** 

Universidade de São Paulo  
dpestana@usp.br

### **RESUMO**

A pesquisa consiste em introduzir a reflexão e compreensão sobre a inserção dos jovens nas Tecnologias de Comunicação e Informação da Educação Básica e o desenvolvimento crítico da leitura dessas informações por meio de uma pesquisa bibliográfica à luz da Política Pública para Educação de Jovens e das tecnologias existentes, buscando compreender a complexidade de pensar na postura da escola e na capacitação de professores priorizando a qualidade educacional. Em nossa análise o objetivo estava em compreender a tecnologia na educação e os ambientes virtuais disponíveis na prática educativa, analisar os fatores que determinam um bom resultado na educação e as relações entre alunos e professores com as novas tecnologias e como isso interferem no desenvolvimento educacional. Para isso, foi adotado um referencial teórico para fundamentação do trabalho de pesquisa, a fim de estruturar o artigo e viabilizar compreender a estrutura educacional. Para referenciar o trabalho com políticas públicas para educação de jovens e adultos a Constituição e a Lei de Diretrizes e Bases foram essenciais para fundamentar a discussão, nas questões que relacionaram a importância da leitura de Mundo, utilizamos como base os trabalhos de Freire (2006 e 2015) que fortaleceram a importância de uma visão crítica do que é informado e, por fim, na inserção dos jovens da Educação Básica na Tecnologia da Informação e Comunicação Barbosa et. al. (2015) e Blikstein e Zuffo (2012) contribuíram para compreendermos as diversas possibilidades e estratégias para o uso das tecnologias. Nesse sentido, acreditamos que este estudo permitirá a compreensão de uma categoria analítica a partir dessas questões essenciais para a educação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação. Leitura. Políticas públicas. Competências.

## ABSTRACT

*The research consists of introducing reflection and understanding about the insertion of young people in Communication and Information Technologies in Basic Education and the critical development of reading this information through bibliographic research in the light of the Public Policy for Youth Education and existing technologies, seeking to understand the complexity of thinking about school and teacher training, prioritizing educational quality. In our analysis, the objective was to understand the technology in education and the virtual environments available in educational practice, analyzing the factors that determine a good result in education and the relationship between students and teachers with new technologies and how it interferes in educational development. For this, a theoretical framework was adopted to support the research work, to structure the article and make it possible to understand the educational structure. To refer to the work with public policies for the education of young people and adults, the Constitution and the Law of Guidelines and Bases were essential for the discussion, in the questions that related the importance of reading the world, using as a basis the works of Freire (2006 and 2015) that reinforces the importance of a critical view of what is informed and, finally, the inclusion of young people in Basic Education in Information and Communication Technology Barbosa et. al. (2015) and Blikstein and Zuffo (2012) contributed to understanding the possibilities and strategies for the use of technologies. In this sense, we believe that this study will allow the understanding of an analytical category based on these essential issues for education.*

**KEY-WORDS:** Education. Reading. Public policy. Skills.

## INTRODUÇÃO

O processo ensino-aprendizagem está ligado à comunicação e interação entre as pessoas. Evoluímos interagindo uns com os outros e trocando experiências, assim, agregando novas informações, influenciando e sendo influenciados pelos outros. A própria história é prova de que o homem evolui na relação com seus pares, isso é comprovado no período das grandes navegações, pois o contato com outros povos e novas culturas mudou o pensamento do homem na época.

Na educação não é diferente. Há uma transformação pedagógica diante dos avanços tecnológicos e dissociar a educação e o desenvolvimento da Tecnologia de Comunicação e Informação, conhecido como TICs, é querer retardar um processo que está acontecendo independente da nossa vontade.

É inegável a convivência dos jovens com essas tecnologias, da mesma forma que a informação e a comunicação hoje são simultâneas, nos aproxima uns dos outros mesmo separados geograficamente e não há distância que a tecnologia não possa superar. Na internet ou mesmo no celular há aplicativos disponíveis que transmitem em vídeo HD em tempo real o espaço transmitido diretamente da estação espacial internacional.

Agregar a busca de novos conhecimentos, principalmente na Física, com as TICs e as novas tecnologias contribuirão para aguçar a curiosidade e despertar novos estudos. No que tange a educação não apenas dos jovens, mas na educação de adultos, essa inserção ampliará o processo de leitura de mundo e, conseqüentemente, novos olhares sobre a realidade.

Esses aspectos mostram a necessidade de repensarmos a educação diante das tecnologias. Nesse contexto, a problematização gira em torno da necessidade de compreender a seguinte questão: Como as tecnologias da informação e comunicação estão inseridas na educação de jovens na educação básica?

Assim, diante do problema apresentado temos como hipótese que a medida que a comunidade escolar se adequar com as tecnologias disponíveis e interagir com os jovens criando novas possibilidades tecnológicas no processo de ensino-aprendizagem, maior vai ser a motivação e o desenvolvimento dos alunos.

Diante desses pressupostos, o objetivo geral deste trabalho é compreender a tecnologia na educação e os ambientes virtuais disponíveis na prática educativa, através de um estudo bibliográfico em diversos autores com o intuito de aprofundar o conhecimento em tecnologias da comunicação e informação.

Justifica-se esse estudo a partir do conceito de Barbosa et.al. orgs. (2015, p.10): “Os avanços nas Tecnologias de Informação e Comunicação possibilitam cada vez mais a criatividade no ensino-aprendizagem, propiciam construir novos objetos, produzir novos equipamentos e inventar”, ao focar em um objetivo para criar espaços de aprendizagem damos um salto de qualidade na educação.

A metodologia empreendida deu-se através de uma pesquisa bibliográfica que, segundo Gil (2002), é desenvolvida com base em material elaborado e publicado, com a vantagem de tomar conhecimento sobre uma série de fenômenos já estudados e que possibilitará aumentar o conhecimento sobre o objeto pesquisado, assim, a pesquisa bibliográfica foi realizada a partir da reunião de todos os materiais disponibilizados em diversos meios, selecionados e analisados, possibilitando ter um conhecimento mais amplo do tema escolhido para o estudo.

O primeiro momento foi encontrar o problema e procurar compreendê-lo dentro da realidade para, posteriormente, buscar em autores que já tenham um estudo voltado ao tema a ser desenvolvido. Após o levantamento desses textos houve a seleção do material e, a seguir, o estudo desses textos e sua relevância para a proposta de trabalho, em seguida, foram destacados os principais pontos a ser abordado e construído o arcabouço teórico para melhor compreender as questões e levar a uma conclusão do objeto de estudo.

Dessa forma, o estudo contribuirá para compreender melhor a necessidade de trabalhar a inserção dos jovens da educação básica com as Tecnologias de Informação e Comunicação, bem como, um olhar atento para a capacitação dos professores, melhorando não apenas o processo de ensino-aprendizagem, mas contribuindo para o desenvolvimento intelectual e, principalmente, como pesquisa e estudo, em todas as disciplinas do currículo e, em especial, no estudo da Física.

## **1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO PARA JOVENS E ADULTOS**

Os avanços tecnológicos da informação e comunicação fazem parte da vida das pessoas mesmo que elas não percebam. O homem avança de tal maneira que sentimos monitorados e globalizados no acesso a informação simultânea e a possibilidade de comunicar mesmo estando distantes geograficamente.

Todo esse aparato tecnológico que envolve a vida das pessoas ainda encontra resistência na educação, principalmente na educação pública, por falta de verbas para implantar tecnologias, ou por falta de pessoal capacitado para trabalhar com esses novos dispositivos ou ter conhecimentos tecnológicos em ambientes virtuais de aprendizagem.

A educação pública apresenta altos índices de abandono e evasão escolar. O índice de distorção idade-série é alto. De acordo pesquisa feita pelo IBGE e publicada pela Fundação Telefônica,<sup>1</sup> o Brasil ainda possui 11,5 milhões de analfabetos, sendo maior o número de homens e entre as pessoas de cores negra e parda a partir dos 15 anos de idade. Também segundo esse estudo, 48 milhões de jovens entre 15 a 29 anos, 23% não trabalham nem estudam ou se qualificam, sendo maior taxa entre as mulheres e entre as pessoas de cores preta e parda FERREIRA (2019).

A Constituição Federal de 1988, no artigo 208 define como dever do Estado a garantia de educação básica obrigatória e gratuita dos quatro aos dezessete anos de idade e assegura sua oferta gratuita para todos que não tiveram acesso na idade própria, independentemente da idade.

Essa versão foi dada pela Emenda Constitucional nº 59/2009, a primeira versão instituía apenas o ensino fundamental obrigatório e não assegurava a gratuidade da educação de jovens

---

<sup>1</sup> Fundação Telefônica. Disponível em: <http://fundacaotelefonica.org.br/noticias/quatro-dados-alarmanes-sobre-a-educacao-brasileira/>. Acesso em 5 out. 2019.

e adultos, a segunda versão dada pela Emenda Constitucional nº 14/1996 assegurava a gratuidade na oferta da EJA e, a última versão amplia do Ensino Fundamental para toda a Educação Básica.

Essa questão já é um grande avanço, no entanto, como temos assegurado em Lei a Educação de Jovens e Adultos e sua gratuidade, cabe observar a estrutura física e humana das escolas e como de fato esse avanço impacta na vida de jovens e adultos.

Outro ponto importante é a lei de Diretrizes e Bases 9394/1996 que define o papel do estado com a educação pública. No entanto, os indivíduos não podem apenas ser tratados quantitativamente, ou seja, um levantamento do número de pessoas fora da escola ou com distorção idade/série não pode ser a base para articular uma educação de qualidade, mas os aspectos qualitativos, as propostas metodológicas para segurar esses alunos nas escolas.

Os índices quantitativos são importantes, todavia, os números dos gráficos só têm valor se forem analisados qualitativamente, desta forma, compreendendo quais as causas que levaram a esses índices. Cada questão observada e a realidade dos grupos sociais e seus contextos sócio, econômico e cultural podem ser mapeados e apresentam problemas específicos, a partir desse ponto criam-se estratégias e ações para regularizar esses problemas.

O Brasil possui um tamanho continental e os problemas não podem ser analisados em uma visão macro, mas cada região com seus problemas específicos.

Os estudos do IBGE, utilizados pela Fundação Telefônica, mostram que a maior evasão está no Ensino Médio e algumas das causas apresentadas são a desmotivação e desconexão com a turma e a dificuldade de aprendizagem, essa última, fruto do Ensino Fundamental. Dessa forma, mapear essas dificuldades e, oferecer um ensino de qualidade e procurar estratégias para atrair o interesse dos alunos são fundamentais para que tenham condições de melhorar a compreensão dos temas trabalhados.

É nessa reflexão que o uso das tecnologias de informação e comunicação pode auxiliar esse processo, o que veremos mais detalhado no próximo capítulo.

Deve-se observar também o que trata o artigo 214 da Constituição Federal sobre o Plano Nacional de Educação para conduzir a erradicação do analfabetismo, a universalização do atendimento escolar, à melhoria da qualidade de ensino, formação para o trabalho, promoção humanística, científica e tecnológica e a aplicação dos recursos públicos.

Diante dos estudos apresentados e da realidade brasileira, não há como deixar de citar Paulo Freire (1989), no livro *A importância do ato de ler*:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. Ao ensaiar escrever sobre a importância do ato de ler, eu me senti levado - e até gostosamente - a "reler" momentos fundamentais de minha prática, guardados na memória, desde as experiências mais remotas de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo (Freire, 1989, p. 9).

Uma leitura crítica, não superficial ou manipulada, mas conhecer e reconhecer como sujeito na dinâmica social. Essa é uma das contribuições de Freire, observar a prática não apenas do professor, do próprio projetado pedagógico da escola, mas as experiências que nos fazem cidadãos, o nosso papel dentro da construção social.

## 1.1 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA DE MUNDO

A leitura não é apenas decodificar palavras ou compreender um enunciado ou uma história. A leitura é a compreensão e o significado da palavra dentro de um contexto. O porquê e qual a intenção do emissor ao utilizá-la.

Freire (2006, p. 11), afirma que: “A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”. Não é uma leitura de decodificação, mas uma leitura como diz Paulo Freire da “*palavramundo*”, um universo muito maior que oportuniza ao estudante, ou melhor, ao leitor, a possibilidade de enxergar as entrelinhas de um texto e sua verdadeira intenção.

Essa leitura de mundo também é feita quando Freire (2015, p. 50-51) ao refletir sobre a qualidade e educação. Não importa como vem escrita em um enunciado, “Qualidade da educação; educação para a qualidade; educação e qualidade de vida”, mas como essas duas palavras “educação” e “qualidade” estão inseridas dentro de uma questão política. Cada época e cada visão política traz um novo sentido a essas palavras dentro da educação brasileira.

Para isso, a necessidade de uma leitura da palavra em seu contexto e na sua concepção política. Isso traz a questão das políticas públicas e a inovação das TICs nas escolas e como elas vêm sendo utilizadas, pois a leitura dessas tecnologias pode ser para libertação ou apenas manipulando as pessoas a um objetivo.

A insistência na quantidade de leituras sem o devido adentramento nos textos a serem compreendidos, e não mecanicamente memorizados, revela uma visão mágica da palavra escrita. Visão que urge ser superada. A mesma, ainda que encarnada desde outro ângulo, que se encontra, por exemplo, em quem escreve, quando identifica a possível qualidade de seu trabalho, ou não, com a quantidade de páginas escritas. (FREIRE, 2006, p. 17-18).

Não há crescimento intelectual e muito menos crítico em uma leitura sem adentrar no texto e no que o envolve, são múltiplas possibilidades, da mesma forma, que dentro das tecnologias de informação há necessidade de filtrar essas informações para não sermos apenas uma engrenagem passiva, mas termos um conhecimento crítico do contexto.

É interessante quando Paulo Freire no livro sobre Educação e Política narra que não nasceu professor: “Ninguém nasce feito: é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos” (2015, p. 91). A leitura de mundo contribui para entendermos e nos vermos nos mais diversos contextos e situações e, assim, nos construímos e temos condições de fazer parte de um mundo em transformação.

Essa leitura de mundo proposta por Paulo Freire nos remete a alegoria da caverna de Platão<sup>2</sup>, ao sermos libertos das imagens projetadas na parede que não são de fato a realidade, percebemos um novo mundo, com um novo olhar. É uma tarefa árdua trabalhar o novo olhar, mas a partir da leitura real do mundo o indivíduo passa a ter a capacidade de formular novas hipóteses e conceitos sobre diversos assuntos.

Um bom exemplo está no estudo da Física, temos conceitos, fórmulas e definições, no entanto, temos a possibilidade de enxergar o universo e criar novas leituras, novos desafios a serem alcançados. A partir de um conceito já definido pode-se descobrir novos universos e desenvolver outras teorias. Não há necessidade de desconsiderar as teorias anteriores, pois a partir delas conseguimos saltar mais longe. Esse é o objetivo da leitura de mundo. A partir de uma palavra dentro de um contexto podemos saltar mais longe e enxergar com mais nitidez.

Para Freire (2006), a leitura da palavra e a leitura de mundo não são isoladas, mas fazem parte de um conjunto, uma associada à outra, são leituras de palavras dentro de um significado na experiência do educando e que ele traz do mundo para a sala de aula. Caso contrário, estaríamos vivendo uma repetição mecânica e memorizada sem os aspectos críticos e, automaticamente, refém do autoritarismo.

Trabalhar a leitura crítica é abrir os olhos para o mundo e como ele se constrói e se reconstrói diariamente. Abrir espaço para o criticismo e para a análise do que lemos é essencial para construirmos um espaço de interação e comunicação.

---

<sup>2</sup> A alegoria da caverna. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/203.pdf>. Acesso em 5 out. 2019.

## 1.2 INSERÇÃO DOS JOVENS DA EDUCAÇÃO BÁSICA NA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

É interessante compreender que Tecnologia da Informação e Comunicação não se refere apenas a aplicativos de relacionamentos ou redes sociais como o *WhatsApp* ou sites com informações e entretenimentos como o *Youtube*, pensar em tecnologia, principalmente na escola, é ir além desses aplicativos.

Pensar em inserir os jovens na rede não é investir nesses aplicativos ou sites. Os alunos já dominam essas ferramentas e publicam, assistem, trocam textos, muito mais que os professores. Mas inseri-los em tecnologias avançadas e que possam trazer benefícios para o desenvolvimento educacional é a novidade.

Para Barbosa et. al. (2015, p. 11): “apesar de esforço individual de docentes e discentes, poucos têm percebido e acompanhado as mudanças na sociedade contemporânea. O indivíduo interconectado por redes de tecnologia digital é apresentado por novos recursos físicos e lógicos”. Aprender a aprender em redes, conectados, transformando e transferindo informações em tempo real. Muitos cursos no formato de EaD já utilizam ferramentas tecnológicas capazes de serem utilizadas nos cursos presenciais.

A educação conectada possibilita o desenvolvimento dentro e fora da escola. Perosa e Santos (2012, p. 149), afirmam que “Em tempos recentes, os usos de vídeo, TV e computador como recursos didáticos em sala de aula de cursos presenciais se tornam relativamente comuns no Brasil, a partir de projetos como Vídeo escola, TV Escola e Proinfo”. Esses recursos não são mais novidades e não estimulam tanto a criatividade o tanto que se faz necessário hoje nas escolas.

Porém, um jogo como o simulador de voo como o *FlightGear* que possui simulações utilizando algoritmos da NASA e possibilita o aluno a calcular pressão, vento, temperatura, gravidade entre outras simulações e os alunos podem comunicar-se entre si são tecnologias que podem contribuir, por exemplo, nas aulas de Física e Matemática.

Os alunos podem utilizar esses jogos e expor suas experiências em ambientes virtuais e construir um texto coletivo. Esses recursos apresentados por Perosa e Santos (2012) aumentam a possibilidade de uma aprendizagem colaborativa. Assim, não está apenas em interagir, mas em construir uma nova aprendizagem.

Levy (1999) ao tratar de simulações discorre a respeito dos testes feitos antes do primeiro voo de um avião, a necessidade de testar as asas e sua reação aos ventos, à pressão do ar e às turbulências atmosféricas, esses testes agora são feitos através de cálculos dos



computadores a partir da descrição do avião. Ao utilizar o jogo de simuladores, os alunos terão esses mesmos efeitos e cálculos necessários para tomar decisões e essas decisões podem levá-los a uma viagem segura ou não. Tudo isso graça à tecnologia.

Em vez da transmissão unidirecional de informação, valoriza-se cada vez mais a interação e a troca de informação entre professor e aluno. No lugar da reprodução passiva de informações já existentes, deseja-se cada vez mais o estímulo à criatividade dos estudantes. Não ao currículo padronizado, à falta de acesso à educação de qualidade, à educação “bancária”. Sim à pedagogia de projetos, à educação por toda a vida e centrada no aluno. (BLIKSTEIN e ZUFFO, 2012, p. 27).

Outro trabalho interessante e que usa tecnologia da NASA com câmeras instaladas na Estação Espacial Internacional que transmite a órbita em volta da terra através do site *Ustream* pode ser fonte de observação dos alunos e, posteriormente, utilizar ambientes virtuais para expor suas experiências e trocar informações e novas ideias. O interessante desse site é que em alguns momentos a tela fica preta, pois como os componentes da estação espacial dá uma volta de 90 minutos parte desse período passa por territórios onde é noite e não há iluminação.

Temos uma imagem virtual do espaço, a palavra virtual, da mesma forma que é empregada em ambientes virtuais de aprendizagem, segundo Levy (1999), trata da desterritorializada, ou seja, um afastamento entre as pessoas ou o objeto de estudo, capaz de gerar um ambiente de comunicação e informação em diferentes momentos e espaços, muitos chamam a palavra virtual como irrealidade, no entanto, não há nada que se opõe ao real, mesmo não podendo fixá-la em coordenadas espaço-temporal, no entanto, o virtual é algo real.

Nesse universo virtual o professor pode criar um ambiente de aprendizagem, AVA, que não é apenas um recurso para a educação à distância, mas que pode ser utilizado na educação presencial para ampliar as discussões fora da sala de aula.

Essa cibercultura que apresenta Levy (1999) é uma condição social que influencia o comportamento das pessoas através do uso de computadores tanto para a comunicação, a informação, o entretenimento e os negócios. A cibercultura hoje tem a mesma força que a descoberta das escritas ou o uso dos hieróglifos. Para Levy, a internet é o “cérebro global” e se faz necessário refletir sobre a utilização desse universo virtual.

Pereira (2007) afirma que o ambiente virtual tem sido um meio para inclusão e permanência dos jovens e adultos na sociedade do conhecimento. Com o avanço tecnológico, a sociedade e o trabalho sofreram mudanças e tanto os jovens como os adultos precisam ajustar a essas mudanças, no entanto, o ensino restringiu a um pequeno grupo da sociedade. Nem todos os jovens têm acesso a altas tecnologias como se vê em escolas particulares e, conseqüentemente, a concorrência no mercado de trabalho e as vagas nas universidades

públicas ficam desleais, da mesma forma, o aluno sente-se desmotivado no Ensino Médio sem perspectiva de futuro e acabam evadindo para trabalhar.

O ambiente virtual de aprendizagem, segundo Pereira (2007, p. 147), “Educativo, para estabelecer um modelo didático-pedagógico, em que o uso do ambiente virtual de aprendizagem possibilite a construção do saber de forma inovadora e igualitária”, é um espaço que oportuniza o crescimento do aluno.

Para isso, o professor precisa também ser capacitado a utilizar essas ferramentas e criar espaços de aprendizagem. Vários cursos de especialização em mídias em educação são importantes para contribuir para essa capacitação.

Não há espaço para uma educação sem criatividade. Inserir os jovens na Tecnologia da Informação e Comunicação é ir além, é investir tempo em projetos que tenham reais valores para o desenvolvimento dos jovens.

## **2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEMA**

Para que fosse alcançado o objetivo de compreender a inserção dos jovens da Educação Básica nas Tecnologias de Informação e Comunicação, fez-se necessário compreender três pontos fundamentais: (1) Como se dão as políticas públicas para a educação de Jovens; (2) A importância da leitura de mundo para o crescimento intelectual e crítico dos alunos; (3) Inserção dos jovens nas tecnologias.

Viu-se que esses pontos nos dão a dimensão da importância de uma política pública que fortaleça o ensino gratuito. Investimentos não apenas em infraestrutura física e tecnológica, mas na formação de capacitação dos professores e melhores condições para que o aluno possa desenvolver suas habilidades e competências são necessários. Além disso, é preciso que a escola seja vista como um espaço para crescimento pessoal e profissional, assim, contribuindo para reduzir a evasão e o abandono.

Outro ponto de extrema importância e nos tem dado um vislumbre da realidade é a necessidade da leitura de mundo. O aluno precisa compreender a criticar a realidade que está vivendo, as entrelinhas do que recebe como informação e poder filtrá-las e selecioná-las e não apenas ser passivo a esse bombardeamento de informações.

Observamos nas diversas leituras que as chamadas *Fake News* se tornaram uma febre nas redes sociais, muito se fala das falsas mensagens e informações, no entanto, muitos ainda estão sendo enganados e manipulados.

Observa-se que na nossa realidade ao falar em leitura é muito diferente do que Paulo Freire defende. Não é apenas uma leitura da palavra, mas uma leitura política e crítica, essa forma de ler o mundo precede a palavra, mas o contexto que ela está inserida, a vivência e as experiências dos alunos e, por fim, sua análise do contexto em que está inserida.

Todavia, um trabalho de leitura inserindo os jovens na Tecnologia de Informação e Comunicação, usando os recursos para discutir, avaliar, compreender a educação como colaborativa, terá um avanço significativo no desenvolvimento dos alunos.

Dessa forma, a leitura está ligada à realidade. A dinâmica social é resultado das políticas públicas muitas vezes ineficazes, principalmente na educação de Jovens e Adultos. Não há resultados apenas em ensinar a ler, decodificar as palavras, mas a relação da leitura e seu contexto social. Sair do analfabetismo não está relacionado a leitura de uma palavra, mas sua relação na frase e no contexto, o que Paulo Freire chama de leitura de mundo.

A educação precisa ser vista como prioridade e a análise qualitativa desses dados são os caminhos que podem levar a permanência e a alfabetização de fato desses jovens e adultos. Sabemos que as mudanças são lentas na educação, no entanto, retroceder nos estudos e pesquisas é a prova do descaso com a educação. O discurso está muito além da realidade. Se cada grupo fizer sua parte a educação transformará, como uma corrente, cada elo é essencial, se um dos elos romper não temos mais segurança. A educação de jovens e Adultos não é apenas importante no processo de alfabetização, mas na transformação social do país. Quanto mais “leitura de mundo”, mais capazes são os homens de exigir que seus direitos sejam cumpridos.

Contudo, algumas estratégias devem ser pautadas, o que nos fez perceber no estudo bibliográfico, o investimento e o planejamento das práticas educativas para o uso das tecnologias e a inserção dos jovens. Há necessidade de trabalhar a construção da aprendizagem colaborativa nos recursos tecnológicos, a busca de informações com qualidade e a compreensão da palavra em seu contexto e a intenção do que é informado. Todo um processo de amadurecimento político.

Inferiu-se que as relações interpessoais interferem direta e indiretamente na qualidade da educação. O aluno precisa sentir-se conectado, não estamos isolados, mas somos interdependentes e devemos trabalhar e crescer em conjuntos.

Assim, nossa breve consideração sobre o tema abordado neste trabalho, deu-nos a possibilidade de refletir sobre a inserção dos jovens nas TICs, não apenas a inserção, mas o

processo político que está inserido a educação, as diversas possibilidades de crescimento na compreensão do mundo. Como no texto de Platão: *A alegoria da caverna*, fugir das sombras e ver como realmente é o mundo.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Silva Santos. et.al. (org). **Educação Virtual**: compartilhando saberes. EAD-UESB. Salvador: Gráfica Bahia, 2015.

BLIKSTEIN, Paulo. ZUFFO, Marcelo K. **Contribuições para uma pedagogia da educação online**. In: SILVA, Marco (org.) *Educação online*. 4 ed. São Paulo: Loyola. 2012. (págs. 25-40).

BRASIL, **Constituição da República federativa do Brasil de 1988**. Brasília. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm).

BRASIL, **Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm).

BRASIL, **Confitea VI**. Disponível em: <http://www.ceeja.ufscar.br/marco-acao-belem>

FERREIRA, Paula. **IBGE**: 23% dos jovens de 15 a 29 anos não estudam e nem trabalham. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/ibge-23-dos-jovens-de-15-29-anos-nao-estudam-nem-trabalham-23748808>. Acesso em 20 março 2021.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

\_\_\_\_\_, Paulo. **Educação e Política**. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 34 ed. São Paulo: editora 34. 1999. Disponível em: [http://www.giulianobici.com/site/fundamentos\\_da\\_musica\\_files/cibercultura.pdf](http://www.giulianobici.com/site/fundamentos_da_musica_files/cibercultura.pdf). Acesso em 05 out. 2019.

PEREIRA, Alice T. Cybis. **Ambientes Virtuais de Aprendizagem**: em diferentes contextos. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2007.

PEROSA, Gilse T. Lazzari. SANTOS, Marcelo. **Interatividade e aprendizagem colaborativa em um grupo de estudo online**. In: SILVA, Marco (org.) *Educação online*. 4 ed. São Paulo: Loyola. 2012. (págs. 149-156).